

Viajar nas Experiências de Mulheres: Reflexões Sobre os Sentidos da Mobilidade

Traveling in Women's Experiences: Reflections on the Senses of Mobility

Rosemeire Salata¹

Resumo

Com base em pesquisa empírica realizada em Santa Lúcia, pequeno município localizado no centro da produção canavieira paulista, o objetivo deste artigo é analisar experiências de mobilidade de mulheres que *viajaram* do Maranhão para *São Paulo*. Baseada na expressão nativa *viajar*, busco evidenciar as múltiplas motivações e formas de atribuição de sentido às mobilidades no universo pesquisado. Parte considerável dos estudos migratórios, centrada na perspectiva de análise dos deslocamentos laborais, acaba por restringir as mobilidades à esfera do trabalho. De outro modo, no universo das migrações, as mulheres também são vistas como aquelas que esperam pelos maridos que partiram, ou como aquelas que os seguem ou os acompanham. Argumento, com base em relatos de campo, que as mulheres participam ativamente das decisões e negociações sobre o ir e vir das famílias. Para além das relações com o trabalho, destaco também os projetos de construção de autonomia individual e/ou familiar, as dimensões associadas aos atos de conhecer e cuidar, além dos acontecimentos relativos às separações, nascimentos e doenças como principais motivações e sentidos que emergem das narrativas das mulheres. As trajetórias aqui discutidas foram reconstruídas com base em materiais de pesquisa compostos por entrevistas em profundidade e fragmentos de conversas informais, ocorridos durante a realização do trabalho de campo.

Palavras-chave: Sentidos da mobilidade. Experiências de deslocamento. Narrativas de mulheres.

Abstract

Based on empirical research conducted in Santa Lúcia, small town located in the center of sugarcane production paulista, the purpose of this article is to analyze mobility experiences of women who traveled from Maranhão to São Paulo. Inspired by native expression *to travel*, I seek to highlight the multiple motivations and ways of giving meaning to the mobilities in the researched universe. A considerable part of migratory studies, focusing on the perspective of labor displacement analysis, restrict mobility to the sphere of labor. Otherwise, in the universe of migrations, women are seen as those who wait for their departing husbands, or as those who follow or just accompany them. I argue, based on field reports, that women actively participate in decisions and negotiations about the coming and going of families. Beyond work relations, I also highlight the projects of building individual and / or family autonomy, the dimensions associated with the acts of knowing and caring, beyond the events concerning the separations, births and diseases as the main motivations and meanings that emerge from women's narratives. The trajectories discussed here were reconstructed based on research materials composed of interviews and fragments of informal conversations, occurred during the fieldwork.

Keywords: Senses of mobility. Displacement experiences. Women's narratives.

¹ Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del Rei (DECIS- UFSJ, São João del Rei, MG, Brasil). E-mail: rosemeiresalata@ufsj.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5699-9827>.

Introdução

Nos processos migratórios que envolvem a *saída*² de pessoas de áreas rurais para regiões distantes, são comumente chamadas de “viúvas de marido vivo” as mulheres que, ficando nos “locais de origem”, esperam pelos maridos que partem e que podem não voltar. Na ausência deles, as mulheres são também aquelas que levam adiante o trabalho agrícola, cuidam das crianças e ativam a solidariedade comunitária (MENEZES, 2002), ou, de outro modo, aquelas que seguem as trilhas da migração antes abertas pelos homens ou pelos filhos mais velhos que partiram (SILVA, 1988). No contexto pesquisado por Woortmann (1990), faziam-se importantes três modalidades de migração, sendo que duas delas, nos termos das categorias locais, eram classificadas como *viagens* (a migração pré-matrimonial e a dos chefes de família). Entre os sítiantes sergipanos, o autor relata que a migração, em todas as suas modalidades, é um movimento de homens (de transformação de *rapazes* em *homens*) e que as mulheres não *viajam*, sendo sempre aquelas que são *buscadas* por alguém, normalmente por outro homem que já havia antes migrado.

Assim como já apontaram inúmeros estudos, os processos migratórios estão imbricados em relações familiares, e comumente configuram projetos dessa ordem (DURHAM, 1979). No contexto dos deslocamentos direcionados às áreas de produção canavieira paulista, universo empírico desta análise³, chamou-me a atenção a presença feminina na conformação desses processos. Para além do trabalho nos locais de origem, ou da figura da acompanhante, as mulheres demonstravam estar ativamente engajadas nas decisões e nos atos de deslocamento. A presença de mulheres na cidade, no trabalho canavieiro regional ou mesmo em outros empregos também parecia desconstruir a figura feminina em sua constante associação à “espera”, juntamente com crianças e idosos, daqueles que partiram.

As experiências de mobilidade que compõem este artigo são apresentadas com base nas narrativas produzidas por mulheres cujas trajetórias estão inseridas nos cenários de intensa mobilidade, tecidos ao longo das últimas décadas, entre diferentes espaços e lugares do nordeste brasileiro e as áreas do estado de São Paulo, nas quais predomina o agronegócio canavieiro. Assim, este trabalho tem como objetivo central analisar tais experiências, considerando, sobretudo, as dimensões simbólicas constitutivas dos deslocamentos, buscando evidenciar as múltiplas formas de atribuição de sentido às mobilidades no contexto investigado.

Os interlocutores que compõem a pesquisa mais ampla da qual se extrai este artigo são homens e mulheres que têm em suas trajetórias de vida um histórico de deslocamentos (e também uma familiaridade com eles) entre diversas cidades e regiões do país e que, no momento da pesquisa, estavam morando no pequeno município de Santa Lúcia, cuja área rural é parte do largo território do agronegócio da região central do estado de São Paulo⁴.

Em sua maioria, as pessoas com as quais estabeleci contato e realizei mais de perto a pesquisa tinham o estado do Maranhão como referência. Especialmente os espaços rurais do município de Gonçalves Dias, seus povoados e *interiores*⁵, seja porque haviam nascido nessa localidade, seja porque estavam morando nela antes de *sair para buscar condição melhor*, ou mesmo porque lá havia ficado parte considerável de seus conhecidos, amigos, parentes e, sobretudo, seus pais e mães.

² O uso do itálico no artigo marca as expressões ou categorias nativas.

³ A pesquisa na qual se apoia este trabalho foi realizada entre os anos de 2014 e 2017, tendo originado a tese de doutorado da autora.

⁴ Santa Lúcia tem 8.248 habitantes, de acordo com dados do censo do IBGE de 2010, e situa-se na região administrativa central do estado de São Paulo. Está distante 76 quilômetros de Ribeirão Preto, cidade já reconhecida nacionalmente como capital do agronegócio canavieiro e que sedia a Agrishow, feira agropecuária que movimenta vultosas somas financeiras anualmente.

⁵ Gonçalves Dias localiza-se na região dos cocais maranhenses, a 340 km da capital São Luiz. Tem, de acordo com os dados do último censo realizado pelo IBGE em 2010, 17.485 habitantes. Os *interiores* ou o *interiorzinho* são as formas como as pessoas se referem às áreas rurais da localidade, de onde a maioria dos entrevistados eram provenientes; trata-se de pessoas cujo trabalho na terra se dava por meio do arrendamento e, em menor número, da propriedade familiar da terra.

A pequena (e hoje *parada*) Santa Lúcia é uma cidade formada por deslocamentos. Os bairros centrais são constituídos por famílias de descendentes de imigrantes europeus, sobretudo italianos, antigos colonos das fazendas cafeeiras que antes ocupavam essa porção do estado e que hoje habitam a região de povoamento mais antiga do município, o *centro antigo*. A partir dos anos de 1980, a cidade começou a receber pessoas dos mais variados lugares do Brasil, com períodos de destaque para essa ou aquela região ou estado. Moradores mais antigos da localidade descrevem a chegada dos *de fora* mais ou menos nessa ordem: primeiro os *paranaenses* e *mineiros* chegaram em maior número, em meados da década de 1980, seguidos, nos anos 1990, por *baianos* e *pernambucanos*. A partir dos anos 2000, vem a *época dos maranhenses*. A maioria das famílias que chegou à localidade a partir dos anos 2000 tem como local de moradia o bairro Nova Santa Lúcia, onde vivem cerca de três mil pessoas, conforme estimativas da prefeitura local.

A cidade *parada*, a qual muitos moradores fazem referência, diz respeito a importantes mudanças nas formas de produzir e contratar das usinas produtoras de açúcar e álcool localizadas na região. Até meados da primeira década dos anos 2000, predominava na cidade a dinâmica das idas e vindas anuais de muitos trabalhadores. O movimento era regulado pelo *tempo das safras*, em que a colheita canavieira demandava muitos braços. Época de muitos ônibus chegando e partindo, da moradia provisória nos alojamentos ou em cômodos alugados, compartilhados com colegas de trabalho. A demanda das usinas por trabalhadores diminuiu drasticamente ao longo dos últimos dez anos e, no momento em que realizei a pesquisa, Santa Lúcia já não recebia tantas pessoas; aqueles que tinham vindo em outros momentos não mais moravam provisoriamente nos alojamentos, mas alugavam casas, levantavam as suas próprias ou compravam terrenos com vistas a construir, revelando outro ritmo e dinâmica dos processos migratórios naquela localidade (SALATA, 2017).

Assentada na percepção de que os deslocamentos analiticamente privilegiados no contexto investigado são os masculinos – em função de uma maior presença histórica de homens entre os contratados para o trabalho canavieiro – e tendo em vista a análise das mobilidades femininas em sua relação com mercados de trabalho⁶, proponho trazer à baila as dimensões simbólicas desses processos.

Oriento-me pela hipótese de que tais dimensões foram menos exploradas, entre outros fatores, em virtude de alguns pressupostos centrais acerca das migrações: a) a interpretação da migração como processo forçado, desencadeado e explicado por processos econômicos; b) a percepção da migração como meio para busca de trabalho e suprimento de “necessidades básicas”, cumprindo a função primordial de reprodução física/material dos indivíduos e suas famílias, seja enquanto moradores das periferias urbanas das pequenas e médias cidades paulistas inseridas na economia canavieira, seja enquanto camponeses nas áreas de origem, seja ainda como pessoas marcadas por idas e vindas constantes entre esses dois espaços sociais (ALVES; NOVAES, 2007; SILVA, 1999).

Naturalmente, não tenho por intenção negar a pertinência de tais análises, apenas incitar reflexões sobre aspectos que considero menos evidenciados nesse contexto específico. Busco contribuir, desse modo, para a composição do quadro analítico sobre tais cenários de mobilidade. Com essa finalidade, reconstruo algumas trajetórias tendo em vista o recorrente uso do termo *viajar* pelas mulheres para tratar de suas experiências de mobilidade. Utilizo justamente essa forma particular de nomear as movimentações como porta de entrada à compreensão do universo de sentidos no qual está imersa a vida dessas mulheres que *viajaram* do Maranhão para São Paulo.

Intento explorar as dimensões simbólicas dos movimentos, associadas aos atos de conhecer (outros lugares) e de cuidar (dos pais, dos filhos e netos). Também exploro os movimentos em sua vinculação à construção de autonomia, à conquista de *independência*, à fuga

⁶ São chave para tais análises aquela da “mobilidade do trabalho” (GAUDEMAR, 1977) e da “feminização” de alguns mercados de trabalho rurais (FLORES, 1995). Nesse sentido, ver por exemplo Silva (2016), que analisa trajetórias laborais de mulheres pensadas com base nas mudanças produtivas e laborais na agricultura paulista e seus efeitos sobre o trabalho feminino.

da *humilhação* e à construção da casa *própria*. Objetivo, assim, apresentar tais elementos como parte importante daquilo que conforma as trajetórias de mobilidade aqui tratadas, reconstruídas com base em um retorno aos materiais de pesquisa, compostos por entrevistas em profundidade, em sua maioria realizadas na casa das próprias entrevistadas. Também recorro a fragmentos de conversas informais ocorridas durante a realização do trabalho de campo.

Mulheres em seus Movimentos

Para efetivar a proposta deste artigo, sigo a trilha de estudos que privilegiam uma definição ampla de movimento, pensando-o para além das categorias e tipologias tradicionalmente associadas ao conceito de migração, que em muitos casos parece não captar a heterogeneidade de movimentos nos quais as pessoas se engajam (MENEZES, 2012), reduzindo todos os movimentos a uma “grande narrativa pré-concebida” (COMERFORD, 2014). Isso porque tal concepção reduzida acaba por “obscurecer as diversas formas de vivenciar o movimento, situações e trajetórias de vida diversas, bem como o papel das tomadas de decisão para mudanças espaciais” (SPRANDEL, 2013, p. 26).

Considerando que os deslocamentos não necessariamente precisam ser pensados com base no conceito de migração, mas sobretudo com base nas categorias próprias por meio das quais os agentes pensam suas próprias práticas e movimentos (GUEDES, 2013), utilizarei também as noções de mobilidade, movimentos e deslocamentos. Tais escolhas têm em vista o intento de captar adequadamente a heterogeneidade das experiências aqui analisadas, que envolvem mulheres de diferentes idades e que realizaram deslocamentos em diferentes momentos de suas vidas.

Eu vim por causa dele e vim feliz também, até porque eu nunca tinha saído de lá antes, nunca tinha viajado para lugar nenhum. Foi assim que uma de minhas interlocutoras, à época com 27 anos, definiu a experiência de ter se deslocado de Gonçalves Dias para Santa Lúcia, desde que o esposo havia conseguido emprego fixo na usina canavieira onde ele trabalhava quando conversamos. Nesse intervalo de tempo, ela também havia conseguido trabalho em uma fábrica de meias na cidade de Araraquara, vizinha de Santa Lúcia.

Ao conversarmos sobre sua vontade de *viajar*, apontada como motivo de felicidade, ela me explicou que, em Gonçalves Dias, para muitas mães, é motivo de *orgulho* dizer que um filho seu mora em *São Paulo*, e que conhecer outros lugares é uma vontade presente entre aqueles que nunca saíram de sua localidade. Também nesse intervalo de tempo, em torno de dez anos, a casa do casal foi erguida e, nos meses que antecederam nossa conversa, havia ganhado uma nova pintura e acabamento externos, modificações que antes se destinavam ao espaço interno da casa, como a colocação de pisos, a pintura das paredes e a construção de uma pequena área de serviço. A família havia crescido, com o nascimento da terceira filha do casal⁷.

Outra interlocutora, com 30 anos no momento de nossa conversa, havia passado onze anos em São Paulo – nesse caso propriamente na capital paulista⁸ –, onde havia trabalhado como operadora de estoques e assistente administrativa em algumas empresas de grande ou médio porte. Nesse período, destaca que trabalhou bastante e teve a oportunidade de aprender um outro ritmo de vida, onde *não dá tempo de sentar pra conversar ou ficar indo na casa dos parentes*. Tempo, distâncias e dinheiro, segundo a interlocutora, tinham de ser cotidiana e rigorosamente calculados. Além do aprendizado de outro modo de viver e de trabalhar, as *baladas* que *pegou* na capital e a agitação do dia a dia são também parte significativa das experiências de vida valorizadas e lembradas por ela, com certo orgulho.

⁷ Cavalcanti (2009), em estudo realizado sobre transformações no espaço de favelas no Rio de Janeiro, aponta como a construção da casa nas comunidades de baixa renda constitui um processo, que envolve investimentos subjetivos e econômicos de longo prazo, e que o processo de melhoria nas casas confunde-se e coincide-se com nascimentos de filhos, aniversários e outras datas marcantes.

⁸ *São Paulo* é a forma genérica utilizada para fazer referência, indistintamente, a qualquer localidade do estado de São Paulo.

Seja pela referência à vontade de *viajar*, seja pelo orgulho e satisfação que provocam o conhecimento de outros modos de vida, nos relatos da maior parte das interlocutoras, frequentemente, é atribuído um valor positivo ao fato de poder conhecer, acessar e estabelecer conexões com lugares antes desconhecidos, alargando as experiências de vida (GUEDES, 2015; RUMSTAIN, 2015) e adquirindo vivência (MACHADO, 2002). Suas concepções sobre seus atos de deslocamento revelam dimensões simbólicas constituintes das migrações, já que *viajar* parece tornar as pessoas superiores a quem nunca saiu do lugar (WOORTMANN, 1990).

Além dos aspectos relacionados ao fato de conhecer outros lugares, a busca de autonomia em relação à casa paterna é outra dimensão central e recorrente nas viagens das mulheres. Segundo uma entrevistada, *quando você vai chegando uma idade adulta você quer ter sua independência, e eu fui com a coragem, me arrisquei sozinha, eu sempre gostei de me arriscar. Então quando fiz dezoito anos eu pensei: é o caminho, vou viajar.*

O desejo de não ficar na cidade onde nasceu existia em virtude das dificuldades para conseguir um emprego e, conseqüentemente, a tão desejada independência em relação à casa dos pais e ao orçamento familiar compartilhado. Querendo *viver por conta própria*, foi buscar *uma vida melhor* em São Paulo, já que boa parte de sua família (tios, sobrinhos e primos) já estava na cidade. Mas não foi morar com nenhum parente, pois buscava um *canto* só para ela. A busca por um *caminho pra viver por conta própria* não fora encarada por ela como algo negativo, pelo contrário.

Não apenas a busca de independência individual, como no caso anteriormente relatado, move as mulheres, como também a busca de autonomia para seus próprios núcleos familiares. Seguindo o relato de outra interlocutora, ela dizia se sentir muito incomodada em ter de receber *ajuda* do pai, que vivia constantemente adoentado, utilizando-se de parte dos recursos de sua aposentadoria para cuidar de seu próprio núcleo familiar. Em sua cidade natal, fazia faxina para complementar a renda obtida com o arrendamento de terras onde eram cultivados o arroz, o milho e o feijão. Trabalhava sem parar, já que também cuidava de duas *tarefas*⁹ de plantação do pai, mais a *tarefa* de seu próprio núcleo familiar. Residia com o esposo em uma casa alugada, e as despesas eram grandes com os cinco filhos que o casal tivera. A valoração positiva do novo local de moradia e de sua nova condição de vida a faz recordar o passado como um tempo de dificuldades e privações.

Eu gosto daqui, porque trabalho, serviço tem. Já tem dois filhos casados que eu sei que se eu voltar pra lá eles não vão voltar comigo, porque as mulheres não vão querer ir, que uma é daqui, a outra é do Maranhão... e estão morando aqui, na casa deles. Não, não é deles, é alugada, mas cada um mora no seu cantinho... Então eu não tenho vontade não de ir embora pra lá... Daqui pra trás não.

Assim como a dependência residencial contradiz os princípios de plena realização do grupo doméstico (WOORTMANN, 1981), a *ajuda* paterna que constitui a relação de dependência financeira de seu núcleo familiar parece contradizer também esses mesmos princípios. Sua vontade de permanecer em Santa Lúcia, por sua vez, estava relacionada aos filhos, bem como à possibilidade de agora *cuidar* dos pais que ficaram na sua cidade natal, já que agora ela poderia enviar alguma remessa em dinheiro, ou mesmo trazê-los para *São Paulo*, caso precisassem de cuidados médicos.

As obrigações com os pais, que comumente ficam nos locais de origem, são também importantes para que se estabeleça o tempo de permanência das famílias em terras paulistas. O tempo de estar *no meio do mundo*¹⁰ é aquele que permite o progresso da família, mas é também

⁹ Uma *tarefa* corresponde aproximadamente a um hectare de terra.

¹⁰ Conforme Scott (2009), o *cativo* e o *meio do mundo* são duas opções entre as quais agricultores e trabalhadores rurais nordestinos se articulam historicamente. Como *cativos*, colocam o seu trabalho à disposição de empregadores locais em troca do salário e de alguns *favores*. Como viajantes no *meio do mundo*, são móveis e disponíveis a empregadores em áreas mais dinâmicas, cada vez mais separadas das

aquele que não coloca entraves às obrigações de cuidar dos mais velhos, especialmente dos pais e das mães. A interlocutora e o esposo faziam planos de construir a casa na localidade paulista quando os pais apresentaram problemas de saúde. A possibilidade de retornar e construir a casa própria na região de origem, então, passou a ser cogitada.

É importante destacar que o sentimento de estar *no meio do mundo* nas trajetórias aqui analisadas está fundamentalmente ligado a situações extremas, como nos casos de doença. A vida cotidiana em Santa Lúcia não é pensada em absoluto nesses termos. O serviço farto, a proximidade dos filhos, a possibilidade de ir “pra frente”, nunca *pra trás*, o relacionamento com pessoas do mesmo lugar de origem, os laços de compadrio e de amizade (re)criados na cidade paulista evitam que os sentimentos de desagregação familiar e de saudades sejam experimentados cotidianamente.

As experiências de mobilidade fazem entrever como as movimentações são contextuais e relativas a inúmeros fatores e acontecimentos, e como o movimento em direção a *São Paulo* é vivenciado como um projeto individual ou familiar de busca constante por um lugar onde se possa ter uma boa vida (SOUZA, 2018). Aliás, essa vida entendida como processo, marcada pelo contínuo planejamento e “imaginação de futuro” (CAVALCANTI, 2009) parece ser comum a muitas experiências familiares das classes populares brasileiras.

Vale destacar, ainda, com base no relato da interlocutora, a percepção de que é comum que não apenas as mulheres se movimentem conforme os deslocamentos dos homens, mas que também o ir e vir destes, de certa forma, seja regulado pelo tempo e vontade das mulheres. É o caso dos filhos de minha interlocutora, que não voltam ao Maranhão pois as esposas não desejam. Também é o caso da própria interlocutora, que diz não querer voltar *para trás*.

Essa mesma percepção é inclusive compartilhada pelos homens que, em alguns momentos, expressam vontade de voltar à terra natal, mas não o fazem por não terem aprovação das esposas. De outro modo, também foi possível observar durante o trabalho de campo situações em que os homens antecipavam sua volta aos locais de origem em função de boatos envolvendo as noivas ou esposas que lá haviam ficado. Assim, o momento de *sair*, bem como a duração das *viagens* são fruto de negociações internas com os grupos familiares, das quais as mulheres parecem participar ativamente.

Se o universo familiar é central para a conformação dos deslocamentos, assim também as rupturas matrimoniais constituem marcos importantes que podem mobilizar a *viagem* das mulheres. É comum, inclusive, que muitas saiam pela primeira vez de suas localidades de origem somente após se separarem. Foi o caso de Rosa, por exemplo. Dos dois filhos que tivera, havia deixado o mais novo aos cuidados de sua mãe, na casa onde morava, em Gonçalves Dias, e o mais velho fora trazido com ela quando decidiu *viajar e aventurar em busca de coisa melhor pro futuro*, já que não queria passar a vida *trabalhando só para comer*. Aventurar-se é apostar no incerto, e é o que Rosa entende como possibilidade para aqueles que, como ela, não estudaram e não têm *sabedoria*. Essa concepção abrange também o desejo de uma vida com horizontes mais largos, de acesso a outros bens que não apenas os relativos às necessidades de alimentação.

O envio de remessas em dinheiro para o cuidado do filho mais novo que havia ficado no Maranhão e o investimento na construção de uma nova casa tomavam boa parte do orçamento familiar naquele momento. Assim que a casa própria ficasse pronta, Rosa planejava trazer o filho mais novo para junto dela. O projeto de construção da casa própria e de compra das *coisas pra dentro de casa* havia mobilizado todos os esforços familiares até aquele momento. A compra de mobília nova (guarda-roupas, cama, mesa e armários para a cozinha) e de aparelhos eletrodomésticos (geladeira, fogão) e eletroeletrônicos (televisores e aparelhos de som) foram ressaltados pela entrevistada como símbolos fortes de melhoria de vida¹¹.

suas casas de origem. Segundo o autor, a expressão é sempre usada com ar de perda, de tristeza e de saudade.

¹¹ Abordei em outro trabalho a importância de aquisição de certas *coisas* (bens de consumo) para grupos migrantes, com especial destaque para as *coisas para dentro de casa*. Cf. Salata (2019).

Também na trajetória de Elena, 46 anos, a primeira viagem aconteceu após sua separação matrimonial. À época, sua filha mais velha já residia em Santa Lúcia, e ela veio, então, auxiliá-la nos cuidados com o neto, que acabara de nascer. Nesse intervalo de tempo, acabou por se empregar na região. Tempos depois, sua filha mais nova, que havia ficado em Gonçalves Dias, também veio para o município.

As trajetórias de mobilidade apresentadas parecem revelar alguns sentidos e motivações para os deslocamentos que não apenas aqueles vinculados à esfera do trabalho ou ao suprimento das chamadas necessidades básicas. Se *buscar melhora* (e encontrá-la) depende também da possibilidade de conseguir trabalho, e esta motivação acompanha as mulheres em suas expectativas de *progredir*, os movimentos não se encerram na busca por recursos econômicos. Assim como a vida dessas mulheres, os movimentos são mais que apenas as relações estabelecidas com o trabalho.

A propósito de pesquisa realizada com trabalhadores maranhenses que se dirigiam ao Mato Grosso, Rumstain (2012) assevera que suas decisões de partida não eram motivadas por questões relativas às “necessidades básicas”, mas por motivações das mais variadas ordens. Nesse sentido, seus interlocutores destacaram a importância de se “viajar” para “conquistar” alguma coisa de “próprio”, o que, segundo a autora, inclui a conquista de propriedades ou bens materiais, mas a eles não se limita.

No universo pesquisado, é possível considerar a ênfase em tudo aquilo que é *próprio* (buscar um *caminho próprio*, construir a casa *própria*) com base em uma perspectiva relacional. A oposição se dá entre certas relações que são vivenciadas como dependência e outras situações que podem ser construídas por meio da mobilidade espacial, e que são percebidas pelas minhas interlocutoras como propícias para fazer avançar, progredir, *ir pra frente*. Estas são, sobretudo, situações que carregam o ideal de construção de autonomia em relação à casa paterna e ao orçamento familiar compartilhado. A busca por autonomia pode ser tanto de ordem individual como coletiva, como no caso de famílias que se movimentam para buscar recursos fora da terra, da residência ou do orçamento da casa anterior.

Os atos relacionados ao cuidar (seja dos pais, dos filhos ou dos netos) são, ademais, de grande importância na vida dessas mulheres. Eles mobilizam seus deslocamentos e a um só tempo são possibilitados por eles, por meio do envio de pequenas quantias àqueles que ficaram nos locais de origem, por exemplo, ou permitem pensar um futuro melhor para os filhos. Do mesmo modo, acontecimentos como doenças ou nascimentos se mostram decisivos, regulando a temporalidade das ausências, presenças, ou da proximidade que busca ser mantida a distância.

Ainda que as mulheres estejam engajadas em deslocamentos que constituam, sobretudo, projetos familiares, e muitas não os realizem sozinhas, é considerável o peso de seus desejos e vontades em tais projetos. Além disso, não apenas para construir família ou fazê-la progredir as pessoas se movimentam; as rupturas nos laços matrimoniais, conforme evidenciaram algumas interlocutoras, também ativam as movimentações.

Conforme constatado por Rumstain (2015), é comum ouvir entre as pessoas que o homem é que anda no mundo, e a mulher, por sua vez, espera. Mas, segundo a autora, essa formulação é parcialmente verdadeira, pois, se o “trecho” é predominantemente masculino, o mundo é também feminino; o que há, na verdade, são diferentes modalidades de movimentos entre homens e mulheres.

Fugindo da Humilhação: o Sossego na Casa Própria

Mas, tudo esvaziava de sentido quando comparado ao sonho que estava cumprindo, que datava de menina e morava num casebre de pau-a-pique, chão de terra batida, nos cafundós-do-judas, gostava nem de lembrar: viver debaixo de um teto decente, seu, com um bonito amarelão no cimento liso. Esse, seu único pedido. Econômica, juntou nota a nota, separadas da paga pela lavagem das trouxas de roupa, e correu loja por loja de material de construção atrás do pó da cor de sua exigência (RUFFATO, 2006, p. 56).

Projetos¹² e aspirações relativos à construção de autonomia, em diversas ordens da existência, são uma das dimensões centrais dos deslocamentos. Na narrativa de algumas interlocutoras, tais projetos têm como contrapartida material a construção da casa própria, o que parece desvelar os aspectos simbólicos da casa em contextos de mobilidade espacial. Seguindo Woortmann (1981), considero como a casa não é apenas uma construção, e seu pleno significado não se limita à moradia. A casa constitui um mapa simbólico de representações, e, nesse sentido, “a casa é boa para pensar” (WOORTMANN, 1981, p. 138).

Fátima, com 54 anos à época de nossa entrevista, residia em uma pequena edícula em Santa Lúcia, em terreno compartilhado. No momento em que cheguei à sua casa, ela lidava com um tanque cheio de roupas, enxaguava-as, torcia-as e as estendia no pequeno espaço reservado para o varal. Foi ali mesmo que narrou sobre sua *viagem*. A interlocutora tem em comum com outras o fato de ter partido de Gonçalves Dias após a separação do antigo cônjuge. O rompimento se deu, entre outros aspectos, pois o ex-marido não gostava muito de *pegar no pesado, não enfrentava*. Seu marido, assim como os de outras interlocutoras, não eram, portanto, muito empenhados nos cuidados com a família e não demonstravam muito interesse no trabalho árduo para atingir tal objetivo, deixando de cumprir com suas obrigações diante da família.

Após a ruptura matrimonial, Fátima cuidou sozinha dos seis filhos que tivera. Arrendava terras próximas a Gonçalves Dias e *ali botava roça de arroz, de feijão, de milho, de tudo*. Como tinha de lidar sozinha com as plantações, também quebrava coco babaçu e, com a renda obtida, conseguia pagar alguém que lhe ajudasse nos momentos de maior trabalho, como em épocas de colheita ou quando fosse preciso a capina. O ex-marido de Fátima possuía um pedaço de terra, porém, conforme relatou, isso sempre foi objeto de muita disputa e desentendimento entre ela, o ex-marido e suas cunhadas. *Pra não dar conversa, eu nunca quis mexer lá não, preferia pagar renda para não mexer por causa das implicâncias das irmãs dele*.

Ela comenta que, quando seu filho mais novo completou dezoito anos, no ano de 2009, foi a Santa Lúcia para *fazer uma safra*, mas passou apenas alguns dias na cidade.

Ele não gostou de ficar aqui não, e voltou rápido porque tinha deixado a mulher lá. O problema foi que com dois dias que ele tava de volta lá, ele se acidentou, sofreu um acidente de moto. E minha casa lá era ruim, era uma casa de taipa, não sei se você sabe como é casa de taipa, foi a condição em que ele, meu ex-marido, tinha me deixado, e eu com o menino acidentado. Eu dependia de um pessoal lá pra levar ele pra se tratar, que fazia fiado pra mim. Mas na hora de vir pra cá, o meu filho não tinha pagado a passagem, falou pro dono do ônibus que pagava na volta, e pagar com o que? Ai apareceu esse homem lá, cobrando essa dívida de R\$ 230,00, dois meses depois do acidente. Eu falei que ficava responsável pelo dinheiro, mas eu não tinha condições ali. E esse homem ameaçou, falou que se eu não pagasse ele me colocava na cadeia e no meu moleque ele dava um coro.

Diante das ameaças sofridas e com medo de ter a casa invadida pelo dono do ônibus que realizara a viagem do filho para Santa Lúcia, tomou R\$ 300,00 emprestados do genro, que acabara que regressar de uma safra,

Eu sabia que meu genro tava com um dinheirinho a mais porque ele tinha nem bem acabado de voltar e então ele nem perguntou pra quê que eu queria. Eu peguei o dinheiro, voltei pra casa e comecei a arrumar uma mochila com roupa, nem mala não foi não, foi uma mochila mesmo. E meu menino viu aquilo e começou chorar e falou: Mãe, você vai me deixar aqui de muleta! E eu falei: Olha meu filho, eu fiz ali uma despesa, tem sua irmã aqui perto que vai cuidar de você, e eu vou viajar. Eu só volto um dia que eu puder pagar todas as contas. Praticamente eu saí fugida, porque se o cara soubesse que eu ia sair de lá, e que tava com dinheiro, ele ia me barrar. Eu saí praticamente fugida, peguei uma moto de noite pra ir tomar o ônibus.

¹² Algumas ressalvas são necessárias para a utilização da noção de *projeto* no universo investigado. É preciso ter em vista que, se as pessoas se movimentam buscando se afastarem de situações de dominação, aspirando construir autonomia, por sua vez, é necessário considerar que muitas apreciações e sentidos sobre as mobilidades se fazem apenas *a posteriori*, ou seja, após os processos ocorridos.

De Gonçalves Dias, ela *viajou* para Santa Juliana, município próximo a Uberaba, em Minas Gerais. Tinha um primo que vivia na localidade e, após dias de viagem, enfrentando sucessivos problemas com o ônibus, que quebrou cinco vezes, chegou à cidade. Mas ali não foi bem recebida pela prima, como esperava.

Eu cheguei umas cinco e meia da manhã e só com R\$ 50,00, que eu tinha ainda por que não quis gastar com comida na viagem. E nem um prato de comida e uma cama pra dormir ela ofereceu. A gente considera né, porque é chegado da família da gente. Então fiquei ali do lado de fora, encostada, e quando foi umas sete horas passou um moço, que morava no fundo do terreno. Perguntou que eu tava fazendo ali eu falei, aí ele já me levou no lugar que ele trabalhava, que era na batata, né. Quando foi depois do almoço ele falou pode ir lá que vão te contratar, e eu vou te explicando tudo certinho como faz pra você não passar vergonha aqui. Aí foi 15 dias de trabalho num barracão, classificando¹³ batata.

Fátima passou quinze dias nesse trabalho, residindo na casa dos primos, que também alugavam cômodos da casa para outros trabalhadores que se deslocavam rumo a Santa Juliana para a colheita da batata. Havia, considerando na casa e nos fundos, compartilhando o mesmo quintal, uma média de vinte homens. Durante esse período, o rapaz que havia lhe conseguido o emprego no barracão alertou-a sobre os comentários que ouvia entre os outros homens, demonstrando preocupação quanto à possibilidade de Fátima sofrer algum tipo de agressão ou violência sexual por parte deles. Receosa e descontente com toda aquela situação, incluindo a recepção ruim e a falta de consideração dos primos, e com um dinheirinho a mais conseguido por meio do trabalho em Santa Juliana, Fátima deslocou-se para Santa Lúcia.

Seu filho mais velho já estava na cidade, trabalhando na usina próxima ao município. Passou a residir com ele até que este decidiu *pedir as contas* e buscar outro trabalho em São Luís, no Maranhão. Desde então, alugou o *barraco* onde hoje vive sozinha. Buscou emprego na usina próxima, mas não foi aceita porque *hoje eles não tão pegando mais mulher, e ainda com mais idade, eles não pegam mesmo*. Buscou, então, trabalho na colheita da laranja, mas achou o trabalho muito pesado. Os movimentos necessários na colheita da laranja, o subir e descer de escadas, somados à força dispendida para o carregamento das sacolas cheias do fruto, renderam-lhe fortes dores nas pernas. O corte manual da cana, em comparação com a colheita da laranja, é menos pesado, segundo Fátima, pois ali *é só você cortar e jogar o feixe, não precisa ficar andando com aquilo tudo no braço*.

A mesma empreiteira que a contratou para a colheita da laranja manteve o contrato para o corte de cana, que é realizado nas fazendas vizinhas do município, em terras de produtores que fornecem a matéria-prima para as usinas da região. Em 2010, conta que fez um contrato de trabalho temporário e, findo o período, quando deu *baixa na carteira*, imediatamente iniciou a construção de sua casa, em Gonçalves Dias.

Então no dia 17 de maio de 2010 eu peguei o acerto e já comecei a fazer minha casa. Depois, em 2011, peguei na cana, porque na laranja era pesado demais, não dava. E de lá pra cá eu fiquei na cana, e não parei mais. E nesse tempo eu paguei todo mundo, resolvi tudo. Eu sempre fazia plano de retornar pra lá todo ano, mas eu carreguei um capricho de fazer aquela casa! E eu tive esse capricho porque eu sempre fui muito humilhada, né. Então não queria mais depender de ninguém e ficar naquela humilhação. E em 2013, eu fui pra lá visitar os parentes e vi minha casa quase pronta, e fiquei foi muito satisfeita! Hoje ela tá lá, prontinha, mas fechada, que a gente não tem costume de alugar casa lá que nem aqui. E o padrão de casa lá não é que nem aqui também, com dois quartos, lá é tudo grande, coisa de cinco, seis quartos. Minha casa hoje tem cinco quartos! Não fiz seis porque o dinheiro não deu. Mas não é meio terreno não, é terreno inteiro. E eu comprei de tudo pra dentro dela, todas as coisas pra dentro de casa. Coloquei há pouco tempo as coisas do banheiro, que era mais caro, comprei máquina de lavar, televisão, antena boa, só falta mesmo pôr [...] como é que vocês fala aqui? [...] a laje, né.

¹³ O trabalho consistia em separar os legumes que chegavam do campo, conforme qualidade e aparência, de acordo com os padrões que são exigidos pelos compradores.

A construção da casa – o *capricho* por ela carregado ao longo de alguns anos – foi acompanhada pela filha e pelo genro, que vivem em Gonçalves Dias. Boa parte dos móveis e eletrodomésticos foram comprados por Fátima e enviados pelo ônibus que faz o trajeto entre Santa Lúcia e várias localidades dos estados nordestinos.

Junto com os eletrodomésticos, algumas vezes enviou também presentes. *Já comprei e mandei celular, mandei celular pra ela e pro meu neto, já comprei um tablet no aniversário pra ele também.* O envio de presentes aparece em etnografias sobre grupos em movimento como prática corriqueira e obrigatória entre parentes (NOGUEIRA, 2011). Os presentes são também reveladores do que Douglas e Isherwood (2013) consideram como funções primordiais dos bens: comunicar, estabelecer e manter relações sociais¹⁴. Nesse contexto, sobretudo relações referentes à dimensão do cuidado com a família, conforme evoca a fala de Fátima.

A construção da casa própria foi realizada no Maranhão, também porque os custos são menores que uma construção em São Paulo, conforme ela me explicou, mas sobretudo porque Fátima projeta viver em sua nova casa no momento de sua aposentadoria. O *capricho* que *carregou* de construir a casa na localidade revela que ela também quer, por certo, que a vejam gozar de seu merecido descanso, em um lugar que é seu.

Quando eu me aposentar, no ano que vem se Deus quiser, aí vou estar sossegada, porque não tenho mais filho pra criar, e vou ter meu teto, pra descansar e ficar bem sossegada. Eu já tava pensando de voltar, mas o empreiteiro daqui não deixa. Porque eu peguei um problema no braço e foi aqui no serviço com ele, então ele tem medo de me mandar embora e eu querer pôr na justiça. Mas já falei pra ele que não sou disso, que eu procurei emprego em usina e nenhuma me quis e ele me pegou pra trabalhar, então eu agradeço ele e não vou fazer nada disso. Mas como eu já tenho quase idade de me aposentar vou esperar 2017 completar 55 e aí me aposento e vou-me embora. É até bom porque ouvi dizer que meu ex-marido anda lá pelo Maranhão. Ele tava lá pro Mato Grosso, mas parece que agora apareceu lá. E a gente vê tanta coisa na televisão, esse caso de ex que mata mulher, eu fiquei com medo. Então é bom esperar um pouco mais, me aposento e 2017 eu vou!

A importância da construção de um *teto* em sua história de vida faz da casa um bem simbólico, que expressa a reconstrução de seu lugar de origem, constituindo-se como referência de pertencimento. A casa, nesse sentido, parece operar como âncora, já que confere à interlocutora um lugar material e simbólico. Ademais, em sua experiência, sentir-se dona de uma casa carrega fortemente um ideal de conquista de autonomia. Seus deslocamentos evocam constantes fugas de situações de dependência e da *humilhação*, personificadas, ao longo de sua vida, em algumas figuras: o ex-marido, o dono do ônibus que fez o transporte de seu filho e de quem sofreu ameaças, o genro a quem pediu dinheiro emprestado, os homens com os quais dividiu casa em Minas Gerais, assim como seus primos desse local, o empreiteiro de mão de obra que a constrangia a permanecer trabalhando.

Ao tratar sobre os projetos de autonomia daqueles que se deslocam, Guedes (2013) considera que as coisas próprias se contrapõem a tudo aquilo que há de instável nesse mundo. Pois foi *viajando* que Fátima pôde se livrar da *humilhação* e ressignificar o local onde vivia, agora associado ao *sossego* e ao descanso na casa *própria*. Local de relativa segurança e proteção, a casa marca o fim de suas *viagens* e esforços, e parece materializar seu ideal de autonomia.

Considerações Finais

Explorar os deslocamentos de mulheres é analiticamente produtivo para a compreensão da multiplicidade de motivações e de sentidos que são atribuídos às movimentações espaciais. As trajetórias apresentadas constituem material empírico relevante para a problematização de narrativas generalizantes acerca dos deslocamentos.

¹⁴ Desde Mauss (2003) a natureza do presente é pensada como relação moral. Autores como Appadurai (2008) e Miller (2013) também exploram dimensões interessantes acerca dos presentes ou mercadorias, situando as relações entre coisas e pessoas em universos não opostos.

Nas narrativas das mulheres, assim como nas narrativas dos homens, o trabalho também é um aspecto importante, evidenciando como as mulheres não apenas esperam ou acompanham os maridos, mas também trabalham e constroem suas vidas, seja em relação aos projetos de vida familiares, seja em relação a projetos individuais. De outro modo, a vida e os movimentos transparecem, com base em suas experiências, como algo mais que a relação exclusiva com o trabalho ou ganhos materiais e econômicos.

Pode-se considerar, pelas narrativas anteriormente apresentadas, que os fenômenos de mobilidade são, por excelência, transformadores e produtores de relações sociais. O esforço contínuo em busca de autonomia, em várias ordens da existência, expresso nas narrativas, conduz às considerações acerca das dimensões da agência feminina, aqui compreendida como capacidade de ação, mediada social e culturalmente (PISCITELLI, 2013, p. 22), e que é constitutiva desses cenários de mobilidade. Autonomia, por sua vez, é aqui entendida de maneira relacional, porque construída em relação aos projetos familiares e às relações e situações vivenciadas ao longo da vida das mulheres, assim como aquelas circunstâncias que lograram acessar por meio das movimentações espaciais.

Assim, conquanto muitos dos deslocamentos femininos aqui apresentados estejam em relação direta com projetos mais amplos, os projetos de vida familiares não nos fazem ver a imagem das mulheres como dependentes passivas nesses processos, uma vez que as decisões sobre partir, ficar e quando fazer isso são fruto de negociações no interior dos grupos domésticos. Significados e valores múltiplos emergem por meio das *viagens* das mulheres. *Viajar* é bom para *conhecer* e *se arriscar*. Muitas vezes, a *viagem* não tem duração pré-determinada, conformando-se também como um processo ritual, assim como se passa no universo masculino.

Para as mulheres e suas famílias, mover-se é procurar melhoria. E a construção da casa e a compra das coisas para dentro de casa são símbolos fortes do progresso e da evolução procurados. A casa própria¹⁵ é um dos fundamentos do movimento, não apenas em sua dimensão material, mas naquilo que ela representa enquanto produção de novas relações sociais; é um bem material e simbólico que fornece estabilidade e é carregado de um ideal de autonomia, seja ela familiar – centrada na formação de novos casais e seus filhos (MACHADO, 2010; SALATA, 2017) –, seja individual. *Sossegar* e descansar na casa própria é garantia de não ter de se sujeitar mais à *humilhação*.

A dimensão do cuidado com os filhos, netos ou com os pais que ficaram nas localidades de origem também se mostrou entrelaçada aos movimentos das mulheres. O cuidado é possibilitado não apenas pela presença física, mas pelo acesso a recursos materiais que permitem enviar quantias para pagamentos de pequenas despesas quando necessário, comprar bens duráveis para a casa, tornando-a mais confortável, presentear os filhos e os netos.

Movimentar-se entre cidades e lugares pode, algumas vezes, colocar em risco as relações conjugais, assim como pode ser também parte fundamental da construção de novos núcleos familiares (MACHADO, 2010), é interessante destacar como algumas movimentações femininas se relacionam com rupturas matrimoniais, já que algumas entrevistadas relataram suas primeiras *viagens* logo após terem se separado.

Assim, *viajar* nas experiências das mulheres comporta dinâmicas, motivações e sentidos próprios. Um olhar um pouco mais próximo sobre tais dinâmicas, aqui proposto, parece ter nos revelado que a imagem que associa os homens ao movimento e as mulheres à espera não se demonstra verdadeira. Trabalho, relações familiares, nascimentos, separações, doenças compõem o tecido da vida dessas mulheres, regulando os tempos e os espaços de suas movimentações.

¹⁵ A referência à construção da casa própria foi constante durante a pesquisa. A relação entre deslocamentos e os significados da casa também foi identificada por outros pesquisadores. Cf. Durham (1979, 2004), Menezes (2002), Machado (2009) e Nogueira (2010).

Referências

- ALVES, F. J. C.; NOVAES, J. R. P. *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EdUFScar, 2007.
- APPADURAI, A. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.
- CAVALCANTI, M. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 69-80, 2009.
- COMERFORD, J. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 107-142, 2014.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- DURHAM, E. R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DURHAM, E. R. *A dinâmica da cultura: ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FLORES, S. M. L. (coord.). *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. Caracas: UNRISD, 1995.
- GAUDEMAR, J. P. *Mobilidade do trabalho e acumulação de capital*. Lisboa: Estampa, 1977.
- GUEDES, A. D. Andança, agitação, luta, autonomia, evolução: sentidos do movimento e da mobilidade. *Ruris*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 111-141, mar. 2015.
- GUEDES, A. D. *O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás*. São Paulo: Garamond, 2013.
- MACHADO, I. J. R. Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 167-187, jan./jun. 2009.
- MACHADO, I. J. R. Lugar ampliado, espaço e poder. *Campos*, Curitiba, v. 2, p. 101-115, 2002.
- MACHADO, I. J. R. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 5-26, 2010.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003. p. 183-314.
- MENEZES, M. A. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. (org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-40.
- MENEZES, M. A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: Editora da UFPB, 2002.
- MILLER, D. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- NOGUEIRA, V. S. Dádivas e redes: o processo migratório em famílias camponesas. In: MENEZES, M. A.; GODOI, E. P. (Org.). *Mobilidades, redes sociais e trabalho*. São Paulo: Annablume, 2011. p. 185-204.
- NOGUEIRA, V. S. *Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- PISCITELLI, A. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013.
- RUFFATO, L. *Vista parcial da noite*. Rio de Janeiro: Record, 2006. (Inferno Provisório, v. 3).
- RUMSTAIN, A. C. *A casa e o mundo: família e trabalho na dinâmica das idas e vindas do "mundo da vida" e da "vida do mundo"*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- RUMSTAIN, A. C. *Peões no trecho: trajetórias e estratégias de mobilidade no Mato Grosso*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- SALATA, R. *Deslocamentos laborais, espaços de vida e projetos de autonomia: trajetórias de mobilidade em Santa Lúcia/SP*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista. Araraquara/SP, 2017.

SALATA, R. O dinheiro de São Paulo: práticas de consumo em contextos migratórios. In: CASTRO, A. L.; PAOLIELLO, R. M. (org.) *Mediações culturais e ressignificações simbólicas na cultura contemporânea*. São Paulo/SP: Cultura Acadêmica, 2019. p. 85-107.

SCOTT, R. P. Famílias camponesas, migrações e contextos de poder no Nordeste: entre o “cativeiro” e o “meio do mundo”. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. (org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. v. 2, p. 245-268.

SILVA, M. A. M. A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias. *Travessia*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9-15, maio/ago. 1988.

SILVA, M. A. M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

SILVA, M. A. M. Las trabajadoras nómadas: cambios productivos e sus efectos sobre el trabajo femenino. *Revista de Ciencias Sociales*, Montevideo, v. 29, n. 39, p. 15-34, 2016.

SOUZA, C. V. A vida móvel das mulheres entre os bairros e as cidades: explorações antropológicas em fronteiras urbanas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil). *Universitas Humanística*, Bogotá, n. 85, p. 293-318, jan./jun. 2018.

SPRANDEL, M. A. Algumas observações sobre fronteiras e migrações. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 65, n. 1, p. 24-26, jan. 2013.

WOORTMANN, K. Casa e família operária. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 119-150, 1981.

WOORTMANN, K. Família, migração e campesinato. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 35-53, jan./jun. 1990.